



ARTIGO DE REVISÃO

Psicoterapia de grupos e Psicologia Analítica

Group Psychotherapy and Analytical Psychology

Psicoterapia de grupos y Psicologia Analítica

Ana Luisa Testa^a

Carlos Augusto Serbena^b

^a Universidade Federal do Paraná, Mestrado em Psicologia – Curitiba – PR – Brasil.

^b Universidade Federal do Paraná, Departamento de Psicologia – Curitiba – PR – Brasil.

DOI 10.5935/2318-0404.20190006

Instituição: Universidade Federal do Paraná

Resumo

Jung e a Psicologia Analítica não contemplaram em profundidade o estudo da psicoterapia de grupos, tendo privilegiado o trabalho clínico individual. O presente artigo tem como objetivo principal fornecer um panorama descritivo das pesquisas sobre como a participação em pequenos grupos psicoterapêuticos pode influenciar no processo de individuação de seus membros, no referencial da Psicologia Analítica, e também, como um objetivo secundário, recapitular e confrontar com o que a literatura da área expõe sobre o tema. Para isso, foi feito num primeiro momento uma revisão estruturada, em bases de dados. Os critérios de seleção do material é que fossem artigos, em português e inglês, que tratassem do desenvolvimento da personalidade no interior de pequenos grupos de desenvolvimento pessoal, na área da psicologia analítica. Na sequência foi feita uma pesquisa não estruturada, levantando artigos frequentemente citados e também através da literatura da área e posteriormente uma revisão integrativa que aponta a dificuldade do tema no campo da psicologia analítica, especialmente pelo receio dos processos de identificação e regressão entre os membros do grupo – que para

Jung operariam invariavelmente contra a individuação. Os artigos levantados questionam essa afirmação e apresentam possibilidades de desenvolvimento psíquico no interior desses grupos e correlacionam individuação com vida em sociedade. Eles também propõem métodos de psicoterapia grupal no referencial da psicologia analítica. Considera-se que pequenos grupos fazem parte do contexto de vida de qualquer indivíduo, e seu potencial para favorecer a individuação ainda precisa ser melhor compreendido.

Palavras-chave: Arquétipos; Grupos; Individuação; Psicoterapia grupal; Regressão psíquica

Abstract

Jung and Analytical Psychology did not contemplate in depth the study of the psychotherapy of groups, having privileged the individual psychotherapy. The main objective of this article is to provide a descriptive overview of the researches on how the participation in small psychotherapeutic groups can influence the individuation process of its members in the framework of Analytical Psychology and – as a secondary objective – to recapitulate and confront it with what the literature of the area exposes about this subject. In order to do that, a structured review was firstly carried out in the databases. The criteria for selecting the material were them to be articles, in both Portuguese and English, dealing with the development of personality, within small groups of personal development, in analytical psychology field. Secondly, an unstructured research was executed, with the examination of the most cited articles, and also a thorough search through the literature of the matter. Lastly an integrative revision was made and that signalized the difficulty of the subject in the field of analytical psychology, especially because of the fear of the processes of identification and regression between the members of the group – which for Jung would invariably work against individuation. The examined articles question this statement and present possibilities of psychic development within these groups and correlate individuation with life in society. They also propose methods of group psychotherapy in the framework of analytical psychology. Small groups are considered part of the life context of any individual, and their potential for individuation still needs to be better understood.

Keywords: Archetypes; Groups; Group psychotherapy; Individuation; Psychic regression

Resumen

Jung y la Psicología Analítica no contemplaron en profundidad el estudio de la psicoterapia de los grupos, habiendo privilegiado trabajo clínico del individuo. El presente artículo tiene como objetivo principal proporcionar un panorama descriptivo de las investigaciones sobre cómo la participación en pequeños grupos psicoterapéuticos puede influir en el proceso de individuación de sus miembros, en el enfoque de la Psicología Analítica, y también, como un objetivo secundario, recapitular y confrontar con lo que la literatura del área expone sobre el tema. Para ello, se hizo en un primer momento una revisión estructurada, en bases de datos. Los criterios de selección de materiales es que fuesen artículos en portugués y inglés, que tratarasen del desarrollo

de la personalidad dentro de pequeños grupos de desarrollo personal en el campo de la psicología analítica. En la secuencia se realizó una investigación no estructurada, buscando artículos frecuentemente citados y también a través de la literatura del área y posteriormente una revisión integrativa que apunta la dificultad del tema en el campo de la psicología analítica, especialmente por el temor de los procesos de identificación y regresión entre los miembros del grupo – que para Jung operaría invariablemente contra la individuación. Los artículos encontrados cuestionan esa afirmación y presentan posibilidades de desarrollo psíquico en el interior de esos grupos y correlacionan individuación con vida en sociedad. También proponen métodos de psicoterapia grupal en el referencial de la psicología analítica. Se considera que pequeños grupos forman parte del contexto de vida de cualquier individuo, y su potencial para favorecer la individuación aún necesita ser mejor comprendido.

Palabras clave: Arquetipos; Grupos; Individuación; Psicoterapia grupal; Regresión psíquica

Introdução

Carl Gustav Jung (1875-1961) foi um psiquiatra suíço de grande relevância para a consolidação da psicanálise e fundador da Psicologia Analítica. Entre suas maiores contribuições para o campo da psicoterapia se destacam a compreensão da psicogênese dos transtornos mentais, assim como a reformulação do processo terapêutico, que deveria servir também ao desenvolvimento do indivíduo, não só à cura dos sintomas. É nesse processo de desenvolvimento psíquico do indivíduo – chamado *individuação* – que Jung focou seu interesse na construção de sua psicologia.

Ele não privilegiou o estudo a respeito da psicoterapia de grupos, ainda que tenha reconhecido as limitações da psicoterapia individual do ponto de vista coletivo-social. Em seu prólogo ao livro de Toni Wolff Jung¹ declara que junto a autora conduziu um “experimento silencioso” através da fundação do Clube de Psicologia de Zurique em 1916. Shamdasani² relata que a ideia do clube era ultrapassar a limitação da terapia individual, reunindo pessoas que passaram ou estão passando por um processo de análise, para que tivessem uma vida social e pudessem se educar socialmente. Em uma nota não publicada de seu trabalho “*Individuação e Coletividade*”, que foi apresentado ao Clube em 1916, assim como em uma carta endereçada a seu colega Alphonse Maeder, em 1918, Jung descreve que o experimento seria para observar como pessoas analisadas se relacionariam uma com as outras, e desta forma tomar ciência das limitações sociais e coletivas de uma análise individual.

Apesar de seu interesse empírico, Jung mostrou-se bastante refratário à possibilidade de uma psicoterapia grupal. De acordo com Freitas³ Jung desconfiava das influências de grupos em geral na vida psíquica do indivíduo, e sua resistência se deu em função dos riscos de regressão psíquica, com marcada redução de consciência e de individualidade, pois grupos de todo tipo – psicoterapêuticos ou não – poderiam promover infantilização, dependência mútua, perda da autonomia, submissão ao líder, massificação, contágio psíquico, baixa de defesas

egóicas, possessão por arquétipos, diminuição da responsabilidade pessoal, aumento da sugestibilidade e seriam, conseqüentemente, um entrave para o processo de individuação.

Seu posicionamento fica bastante explícito em cartas trocadas com Hans Illing em 1955⁴: “Como um médico, eu considero qualquer distúrbio psíquico, seja neurose ou psicose, como uma doença do indivíduo; o paciente precisa ser tratado de acordo com isso”⁴. Nas cartas ele reforça os perigos dos aspectos regressivos dos grupos e salienta que, ainda que bons resultados pudessem ser alcançados através da psicoterapia grupal, o custo disso seria a dependência moral e mental do indivíduo. “Quando cem cabeças espertas entram em um grupo, um gigante palerma é o resultado”⁴. “Virtudes reais são relativamente raras e se constituem usualmente de conquistas de indivíduos. Preguiça moral e mental, covardia, preconceito e inconsciência são dominantes”⁴.

As conclusões que ele apresenta nessas cartas⁴são de que a única função da psicoterapia grupal seria a educação social do ser humano – e reafirma ter criado um grupo de pessoas analisadas (Clube Psicológico de Zurique) para que a atitude social do indivíduo fosse constelada; que esta modalidade de psicoterapia não substituiria a análise individual, mas que, no entanto, poderia ser complementar; e, finalmente, que mesmo sendo em um pequeno grupo ela possuiria riscos de promover uma identificação do indivíduo com o coletivo, ao invés de promover seu desenvolvimento. Essas conclusões parecem acertadas, mas, caso fosse possível compreender como evitar ou amenizar esses riscos de identificação com o coletivo, a psicoterapia grupal poderia ser desenvolvida no campo junguiano.

Esse mesmo posicionamento aparece em um memorando escrito em 1948, destinado à Unesco, no qual se coloca que a psicoterapia é um procedimento dialético e que sua aplicabilidade e eficácia restringem-se fortemente ao indivíduo. “[...] Não se pode esperar muito da aplicação desse método a um grupo. A mudança de atitude nunca começa pelo grupo, mas apenas pelo indivíduo”⁵.

Num texto sobre a psicologia do renascimento – publicado em 1939 – Jung⁶ discorre sobre alguns fenômenos de transformação da personalidade e cita como um desses a identificação do indivíduo com um grupo. Nesse texto os termos grupo e massa são utilizados indiscriminadamente, mas para um maior esclarecimento seria importante apontar que ele trata de fenômenos de massa, pois nem todo grupo é massificado. Jung coloca que na massa aquilo que é experimentado como transformação da personalidade seria apenas devido a processos de identificação inconsciente entre seus membros, e que estas seriam bem distintas daquelas vividas individualmente: “Trata-se mais exatamente da identificação de um indivíduo com um certo número de pessoas que tem uma vivência de transformação coletiva”⁶. Essa identificação criaria um certo estado de ânimo peculiar, uma emoção compartilhada de uma experiência de transformação que apenas vagamente se assemelha a transformação individual. Inclusive, em grupo seria mais fácil experimentar tal vivência transformadora pois, além do indivíduo estar aberto ao poder da sugestão, essas vivências ocorreriam em um nível de consciência inferior. Além disso, tais transformações tenderiam a não perdurar, ficando o indivíduo dependente do grupo para experimentar tais estados extáticos – a embriaguez da massa – que

poderiam trazer riscos para ele e para a sociedade. “Quando se dá um estado emocional intenso, dizemos ou fazemos coisas que ultrapassam a medida usual. [...] Grupos, comunidades e até mesmo povos inteiros podem ser tomados por epidemias psíquicas”⁶.

O que isso significa é que na perspectiva de Jung⁶ além dessas transformações em grupo serem insustentáveis, parece que se tratam mais de estados emocionais intensos devido à identificação regressiva, a sugestão, e ao rebaixamento da consciência do que propriamente ao desenvolvimento individual. A experiência da autonomia manifesta do inconsciente – reações involuntárias que perturbam ou mesmo suprimem a consciência – possuem elevada carga afetiva e quanto mais violento for tal afeto mais se aproximaria do patológico.

Um dos poucos argumentos utilizados por ele a favor dos grupos – lembrando que neste contexto ele não se refere a grupos terapêuticos, mas sim a grupos massificados – seria a sensação de pertencimento, promovida pelos mesmos grupos. Ela seria capaz de promover experiências positivas, pois a comunidade pode incentivar o indivíduo, estimular sua coragem, sua dignidade, assim como acolhê-lo solidariamente. Mas logo que reconhece esses méritos Jung já alerta seu leitor que o grupo pode obviamente confundir o indivíduo, que passaria a exigir como um direito coisas que individualmente não seria capaz de conquistar, e passaria a demandar que outros indivíduos, governantes e líderes provejam suas necessidades – ou seja – o pertencimento inevitavelmente infantilizaria o indivíduo através da regressão para formas de relacionamento familiares⁶.

Essa perspectiva contrária a respeito da possibilidade de uma salutar transformação da personalidade em grupos acabou sendo adotada pela maioria dos psicólogos junguianos sem muitos questionamentos e, aparentemente, poucos se dedicaram a compreensão do desenvolvimento do indivíduo em grupos psicoterapêuticos. Isso se reflete na baixa produção e divulgação acadêmica sobre o assunto. Dos 42 artigos levantados nesta pesquisa, 40% foram publicados em revistas especializadas em psicologia analítica, e os demais em revistas sobre psicoterapia de grupos ou psicologia.

Em suma, Jung deixou claro seu posicionamento recioso em relação a grupos e as psicoterapias de grupo, em razão do rebaixamento que estes poderiam provocar na consciência do sujeito e também por não considerar as transformações da personalidade em grupo verdadeiras e sustentáveis. Ainda assim ele, tal como Whitmont⁷ e Hall⁸, consideram que a psicoterapia de grupo poderia ser complementar à análise individual, talvez essa como uma suposta proteção a perda da individualidade do sujeito. E este parece ser o ponto fundamental: estar em grupo sem estar massificado.

Outros autores, com por exemplo Yalom e Leszcz⁹, Hobson¹⁰ e Boyd¹¹ afirmam que o processo de transformação pessoal através das psicoterapias grupais seria tão efetivo quanto nas psicoterapias individuais, desde que os grupos recebam análise apropriada. E quando se considera aspectos pragmáticos de que a psicoterapia grupal poderia democratizar o acesso da população ao serviço psicológico, ou que serviria como uma porta de entrada, ou então como Whitmont⁷ frisa – um espaço de laboratório para os participantes –

parece ser esta uma modalidade de atendimento que mereça mais espaço em pesquisas, na formação do psicólogo junguiano e em sua prática.

Vale ressaltar que o período em que Jung desenvolve sua teoria psicológica – entre o final do século XIX e meados do século XX – havia um contexto que justificava o temor em relação às massas e os efeitos que um grupo pode provocar na psique individual. Sullivan¹² aponta que havia na época uma variedade de regimes totalitários na Europa e na Ásia – Alemanha (Hitler), Itália (Mussolini), Rússia (Stalin) e Espanha (Franco), China (Mao) e também a eclosão das duas guerras mundiais.

Outra forte influência na visão de Jung a respeito de grupos como um todo foi apontada por Shamdasani¹³ como as disciplinas de ciências humanas que surgiram concomitante a psicologia no último quarto do século XIX – antropologia, etnopsicologia, psicologia social, psicologia das massas e sociologia, que apresentavam ideias de diferenças de mentalidade entre o homem primitivo (preponderância entre o pensamento elementar, imaginativo e fantástico) e o homem civilizado (com preponderância do pensamento dirigido, exige esforço, linguagem e abstração), e como nos grupos poderia preponderar o pensamento fantasia, e desta forma a civilidade do homem moderno sucumbiria a um funcionamento primitivo e até mesmo bárbaro – inconsciente. Contemporaneamente havia também os estudos em hipnose, demonstrando a potência da influência psíquica pela sugestão.

Também devemos considerar que enquanto Jung desenvolve sua teoria, a psicoterapia de grupos encontrava-se em estado germinal, tendo tido seu ápice na década de 1970, sendo que Jung falece em 1961. Deste modo, quando Jung se posiciona contra, não se sabe exatamente como ele a imaginava. Nas cartas trocadas com o Hans Illing⁴, em que o tema era psicoterapia de grupos, vê-se que nenhum dos exemplos que Jung fornece se relaciona a grupos terapêuticos tais como concebidos hoje.

De acordo com Bechelli e dos Santos¹⁴ a psicoterapia de grupos passa por um período de configuração e desenvolvimento entre 1907-1950 nos Estados Unidos e foi iniciada com Joseph H. Pratt, através de um grupo de apoio para doentes de tuberculose que não podiam arcar com os custos do tratamento. Esse grupo tinha uma função predominantemente educacional e de apoio emocional entre pares. Ao trabalhar em grupo, Pratt pôde oferecer assistência necessária e mais eficaz com os recursos disponíveis (tempo, espaço, profissionais, etc.) deste modo, os trabalhos em grupo passaram a ser amplamente adotados nos anos seguintes por diversas instituições de saúde mental¹⁵. Esse aspecto pragmático das psicoterapias grupais vai ao encontro das demandas atuais encontradas nos serviços públicos de saúde mental e democratizam seu acesso¹⁶. Concomitante a Pratt, na Europa, Moreno começava a desenvolver em Viena aquilo que se tornaria seu método de trabalho: a psicoterapia de grupos e o psicodrama⁹.

Os anos entre 1951 e 2000 são considerados a segunda fase na história das psicoterapias de grupo – o período de expansão, consolidação e amadurecimento. Nesse período – especialmente na década de 1970 – há um grande aumento no número de publicações sobre o tema e variabilidade nos formatos, objetivos e

teorias de base nas práticas grupais¹⁴. São desta época os trabalhos de Carl Rogers e Pichon-Rivière. Se Jung falece em 1961 e as cartas trocadas com Hans Illing, nas quais ele se posiciona contra as psicoterapias de grupo, ocorreram em 1955, pode-se supor que sua posição final se manteve esta, pois ele não pôde testemunhar o florescimento dessa modalidade psicoterapêutica.

Hoje podemos considerar que a psicoterapia de grupos é uma realidade e que tem sido amplamente utilizada. Rogers¹⁷ propôs os grupos de encontro e fez uma avaliação positiva sobre seus efeitos nos participantes. Entre os mais importantes, destacou: atualização do eu, determinação, comprometimento, sentimentos de aceitação e autoestima, confiança, diminuição do autoritarismo e melhora na qualidade das relações interpessoais. Já o psicanalista Pichon-Rivière via nos grupos um lugar propício para o desenvolvimento da consciência através de um contínuo processo de aprendizagem a partir da relação com o outro¹⁸.

Como a experiência de outros autores da psicologia de grupos parece contradizer as ideias de Jung, e se considerarmos as diferenças conceituais dessas teorias sobre o humano, ficam as seguintes questões: Seria possível preservar a individualidade em grupo? Seriam os processos regressivos sempre negativos para o desenvolvimento do indivíduo? Todo grupo terapêutico é regressivo? Pode o campo da psicologia analítica continuar refratário a trabalhos com grupos? Para iniciar uma tentativa de responder tais perguntas, o objetivo deste trabalho é abordar o pensamento pós-junguiano atual sobre a questão de pequenos grupos psicoterapêuticos e individuação, através da revisão bibliográfica dos artigos publicados dentro deste tema.

Com o que foi posto não intenciono insinuar que Jung estivesse enganado em sua perspectiva a respeito dos grupos, pois grupos podem sim ser um perigo à individualidade de seus membros e até mesmo à sociedade como um todo. Pretendo apenas provocar uma relativização da ideia e convidar o campo a questionamentos. O próprio Jung nos convidou a não sermos junguianos e desta forma seguir no desenvolvimento teórico. Em seu prefácio ao livro de Erich Neumann¹⁹, datado de 01/03/1949, Jung diz: “[...] tornou-se claro para a mim a magnitude das desvantagens dos trabalhos pioneiros [...] e a pior desvantagem de todas é o pioneiro só saber posteriormente daquilo que deveria ter sabido antes. A vantagem da segunda geração é ter um quadro mais claro [...]. Assim advertido e preparado, pode um representante da segunda geração alcançar as conexões mais distantes, deslindar problemas e fazer um relato coerente do campo de estudo como um todo, cuja visão geral o pioneiro só poderá obter no final do trabalho sua vida”¹⁹.

Aparentemente a possibilidade de preservação e desenvolvimento da consciência individual é a chave para que os grupos psicoterapêuticos também possam ser bem vistos por esse campo, pois isto afastaria o fantasma da massificação grupal. Um exame aprofundado sobre como estes contribuem no desenvolvimento individual é necessário. Parece fundamental ampliar o entendimento sobre os processos regressivos que podem operar na psicologia dos grupos e sua relação com o desenvolvimento humano para que tenhamos uma melhor compreensão dos fenômenos grupais, assim como para instrumentalizar o psicólogo que conduz trabalhos grupais a lidar com eles.

Método

Para a realização deste artigo, foi feita inicialmente uma pesquisa estruturada nas seguintes bases de dados: Scopus e Scielo, com tais critérios de restrição: artigos; idiomas – inglês e português; área – psicologia. Também foram consultadas as bases das três publicações junguianas mais influentes na atualidade: Jung Journal: Culture & Psyche, International Journal of Jungian Studies e o Journal of Analytical Psychology, mas sem critérios iniciais de restrição, por serem bases de revistas especializadas no campo da Psicologia Analítica, em inglês. Período das buscas: fevereiro de 2018. A seleção dos artigos apresentados nos resultados foi feita através do título e do resumo. Foram selecionados aqueles que tratavam de pequenos grupos de desenvolvimento psíquico, no referencial da Psicologia Analítica. Foram excluídos aqueles que tratavam da psicologia de grandes grupos e massas, assim como de grupos no sentido de classes de pessoas. Não foi levado em conta ano de publicação. Posteriormente também foram realizadas buscas não estruturadas, por artigos específicos encontrados nas referências daqueles levantados anteriormente e na literatura da área.

Na base Scielo (scielo.org) os seguintes termos foram pesquisados: Grupo AND Psicologia Analítica; Grupo AND Jung; Individualização AND Grupo; Sombra AND Grupo; Persona AND Grupo Psicologia Arquetípica AND Grupo e Hillman AND Grupo.

Os seguintes termos foram pesquisados na base Scopus, restritos aos campos resumo, título e palavras-chave: *Analytical Psychology AND Group; Jung AND Group; Anima OR Animus AND Group; Hillman and Group; Archetypical Psychology AND Group; Shadow AND Group; Persona AND Group e Individuation AND Group*. No campo “autores” foi pesquisado Louis Zinkin, reconhecido por sua produção sobre grupos.

Nas bases das publicações de psicologia analítica – Jung Journal, Journal of Analytical Psychology e o International Journal of Jung Studies – o termo pesquisado foi Group.

Esses resultados somam 50 artigos, mas 42 no total, se retiradas as repetições de resultados. Entre os artigos levantados verificou-se que metade da produção – 21 artigos – pertence às décadas de 1980 e 1990. As décadas de 1950, 1960 e 1970 somam 11 artigos, e os anos 2000 até 2018 totalizam 10 artigos.

Destes, 17 artigos foram publicados em revistas especializadas em psicologia analítica, 20 em publicações especializadas em psicoterapias de grupo, e 5 em publicações de temas diversos. As duas publicações com o maior número de artigos sobre grupos e psicologia analítica são o Journal of Analytical Psychology, da Society of Analytical Psychology, totalizando 12, e a Group Analysis, da Group Analytic Society, com o total de 10. Ambas publicações são produtos de sociedades sediadas em Londres. O principal autor do campo junguiano que trata a respeito de psicoterapia de grupos, Louis Zinkin, era membro de ambas e tinha como supervisor e mentor o analista junguiano Michael Fordham, fundador da escola desenvolvimentista, o que sugere uma influência desta escola na revisão do papel do grupo no desenvolvimento psíquico do sujeito e, conseqüentemente, a possibilidade de uma modalidade grupal de psicoterapia no campo da psicologia analítica.

Discussão

Individuação e grupos

A partir dos artigos levantados, foi possível perceber três importantes pontos a respeito das psicoterapias de grupo numa perspectiva junguiana. O primeiro é uma posição positiva dos autores a respeito da possibilidade de individuação no interior desses grupos e o segundo o reconhecimento de alguns dos principais autores da presença de tendências regressivas nos mesmos, por entender que seu aspecto maternal e acolhedor poderia infantilizar sim o indivíduo, mas também desempenhar um importante papel nas transformações individuais que ocorrem no interior dos grupos. O terceiro ponto é que ainda não existe um método junguiano sistematizado de análise de grupos, mas sim algumas possibilidades interessantes.

Começando pela primeira constatação: a possibilidade de desenvolvimento psicológico no interior de pequenos grupos. Primeiramente veremos como Jung trata essa possibilidade e em seguida a contraposição feita por autores posteriores. A individuação é um dos conceitos centrais na teoria analítica e pode ser compreendida como a realização da personalidade total originária—o *self*. “Apesar de ser um ideal e, portanto, inalcançável, a meta final da individuação seria a atualização do *self* como um todo. Desta forma o *self* seria, portanto, o resultado do processo, mas ao mesmo tempo – como um agente organizador inconsciente – é o impulso orientador da individuação, reciprocamente regulando os vários componentes da personalidade”²⁰.

Jung²¹ defende que a individuação impulsiona o homem para o incomum, para o emancipar-se das massas, dos grupos e de seus caminhos. Neste texto, decorrente de uma conferência de 1932, a palavra grupo deve ser compreendida como sinônimo de massa. Para Jung, somente assim, separando-se do comum, o homem possuiria uma personalidade verdadeira, pois obedeceria à sua própria lei e dela não poderia esquivar-se. Em outras palavras, um processo de adaptação ao mundo interno. “A grandeza das personalidades históricas jamais consistiu em submeterem-se incondicionalmente às convenções, mas ao contrário, em se libertarem e se livrarem das convenções. As personalidades se destacaram da massa como picos de montanhas e escolheram seu próprio caminho, enquanto a massa se apegava a tudo o que é coletivo: temores, convicções, leis e métodos”²¹.

Em outro texto, datado de 1916, Jung diz que a individuação e a coletividade são um par de opostos, dois destinos divergentes, pois a exigência do grupo social perante o indivíduo é que ele trilhe caminhos autorizados e validados pela coletividade, através da imitação e da identificação. A individuação retiraria a pessoa da coletividade. No entanto, isso não deveria ser compreendido de maneira literal, e sim em termos de separação psíquica⁵.

Esses textos explicitam a visão de Jung sobre os efeitos negativos do grupo social no processo de individuação – que como é concebido como um processo de adaptação ao mundo interno, para ele individuação e coletividade seriam caminhos irreconciliáveis. Porém isso deve ser pensado no contexto de grupo como sinônimo de massa, mas é preciso considerar que nem todo grupo opera desta maneira.

Inegavelmente os grupos estão na base da constituição psíquica do humano. Hobson²², Fiumara²⁰ e

Zinkin²³ defendem que o processo de desenvolvimento psíquico depende, em qualquer idade, de complexos padrões de relacionamentos grupais. Hobson estranha que o campo da Psicologia Analítica tenha evitado aplicar seus princípios ao contexto grupal, já que a relação entre indivíduo e grupo social é inerente à noção de inconsciente. Seria a partir do social – ou do inconsciente – que o indivíduo emerge através do processo de diferenciação e individuação. “Sociedade é a realidade primária a qual é anterior ao indivíduo e, assim como a consciência se desenvolve a partir do inconsciente, o indivíduo se desenvolve a partir da sociedade”¹⁰.

Para corrigir essa lacuna entre os princípios da Psicologia Analítica e o desenvolvimento da personalidade também a partir do social, Samuels²⁴ afirma que é preciso correlacionar o processo de individuação aos grupos e a vida em sociedade, pois não existe qualquer contrassenso teórico nesta relação. A individuação é um processo ao mesmo intrapsíquico e interpssíquico, marcado por uma melhora na capacidade de relacionar-se com componentes não egóicos. Assim sendo, pra Zinkin²³ a individualidade só pode existir se existir primeiramente na cultura, pois a sociedade não só ameaça o indivíduo mas também o cultiva e é cultivado por ele, sendo o convívio humano e o diálogo condições primárias para a individuação, por possibilitar a diferenciação entre ego e não-ego, além de sínteses entre os elementos. Como bem aponta Whitmont⁷, antes de sermos capazes de dialogar com as figuras do mundo interno é preciso dialogar com as figuras do mundo externo.

Freitas³ e Fiumara²⁰ ressaltam também a importância da vivência dos papéis sociais na constituição psíquica do indivíduo. À medida em que as relações interpessoais vão se estabelecendo, o indivíduo pode ir se diferenciando pelos predicados que lhes são atribuídos. Os papéis sociais podem lhe garantir uma definição, um status, que lhe permitiria mover-se livremente na sociedade através de seus papéis e também de suas personas, pois se antes persona era definida como um segmento da psique coletiva, que emprestava ao sujeito uma aparência de individualidade, enquanto era apenas um compromisso entre ele a sociedade, e que necessariamente deveria ser removida para que o *self* se revelasse, hoje sabe-se do potencial criativo da persona, cuja principal função é a de pôr o humano em relacionamento sem necessariamente destituí-lo de sua individualidade. E desta forma a suposta oposição entre indivíduo e coletividade é relativizada³.

Além disso, parece ser possível afirmar que grupos fazem parte do desenvolvimento psíquico de todo ser humano. A adaptação psicológica ao mundo externo e, portanto, aos valores coletivos, é de fundamental importância nesse processo. Até mesmo Jung não desconsidera a importância da sociedade nesse processo: “O indivíduo é obrigado, por exigência da coletividade, a comprar sua individualidade através de uma obra equivalente em favor da sociedade”⁵.

Empresto de Boyd o parágrafo a seguir como resumo desta primeira parte: “[...] existe suporte tanto teórico quanto empírico para a afirmação que a participação em pequenos grupos tem o potencial de facilitar os processos de individuação, apesar da difundida relutância entre muitos psicólogos de abordagem analítica em aceitar esta tese. Suas objeções parecem presumir que o pequeno grupo interativo permanece como uma massa indiferenciada que induz uma perigosa regressão e conformismo entre seus membros. Existe pouca dúvida de que, caso não seja conduzido propriamente, o pequeno grupo possa e manifeste essas características

indesejáveis, mais atribuídas a multidão ou ao populacho. Contudo, como temos visto, quando conduzido por líderes habilidosos, o pequeno grupo interativo pode e trabalha através dessas influências potencialmente destrutivas. O resultado é um contexto social que eleva o potencial para que transformações ocorram entre seus membros. Dado o potencial do pequeno grupo interativo para contribuir com transformações naturais nos compete compreender melhor as dinâmicas subjacentes desses grupos e a forma como essas dinâmicas podem tanto facilitar quanto impedir o processo de desenvolvimento entre seus membros”¹¹.

O aspecto feminino, regressivo e transformador dos grupos: da Grande Mãe ao mito do Herói

A segunda constatação feita a partir do levantamento dos artigos é o reconhecimento por grande parte dos autores sobre o aspecto feminino dos pequenos grupos terapêuticos. Whitmont⁷, Boyd¹¹, Fiumara²⁰ e Zinkin^{23, 25, 26} salientam que o aspecto maternal e feminino dos grupos se relaciona diretamente com sua capacidade de instaurar uma experiência de proteção e contenção numa comunidade. O grupo social serve primeiramente como uma matriz para o desenvolvimento do indivíduo, que tende a ficar inconsciente caso permaneça num estado de identificação. Em seu aspecto positivo, a identificação provê um senso de segurança e proteção, e em seu aspecto negativo, acaba por ameaçar a individualidade e a consciência de seus membros.

Ser contido em um grupo é psiquicamente análogo à contenção do ego pelo inconsciente. Tal *setting* acolhedor pode induzir o indivíduo a uma regressão para um modo mais infantilizado de comportamento, mas isso só seria um problema caso houvesse uma fixação nesse funcionamento, levando à estagnação de seu processo de individuação – assim como poderia ser também problemático caso se desse numa psicoterapia individual.

Jung²⁷ afirma que a regressão da libido, assim como a progressão, são etapas do desenvolvimento psicológico, que passam a impressão do indivíduo estar em um estado infantil, ou até mesmo embrionário, no seio materno. É comum que a regressão ocorra em momentos de dificuldade adaptativa, e nela é como se a libido escoasse da consciência e fosse dirigida ao inconsciente, com a finalidade de ativar nele novos modos de ser, ou então aqueles conteúdos que ficaram cindidos ou subdesenvolvidos no inconsciente. Desta forma, uma nova adaptação pode ocorrer com o auxílio desses novos conteúdos e, frequentemente, a psicoterapia é buscada – seja individual ou grupal – em momentos de dificuldade adaptativa.

Para Zinkin, o aspecto feminino do grupo seria manifestado por contenção, suporte e nutrição – o continente. E nele, conteúdo e continente se transformariam reciprocamente, de forma análoga à relação entre consciente e inconsciente. Nas mitologias, esse aspecto contenedor e transformador do grupo é representado por um continente mágico, um vaso ou cálice miraculoso, que opera transformações^{23, 25, 26}.

O maior (grupo / inconsciente) contém o menor (indivíduo / ego), e, como Edinger²⁸ coloca, o ego pode dissolver-se no inconsciente e ter sua individualidade ameaçada, mas também pode banhar-se com fins de renovação, em mútua transformação. “Pensavam os alquimistas que uma substância não poderia ser

transformada sem antes ter sido reduzida à *prima materia*"²⁸. Essa redução da substância à *prima materia* equivaleria, em termos psicológicos, a uma dissolução parcial da consciência e uma regressão a um estado mais inconsciente, indiferenciado, como condição necessária para transformação da personalidade. Em outras palavras: os aspectos regressivos possibilitariam o desaparecimento de um modo de ser do ego para que uma forma regenerada possa surgir. Quando o fenômeno da dissolução parcial do ego através da regressão ocorre num grupo, isto significaria que o *self* está sendo experimentado como uma projeção, e ele – projetado ou não – seria o agente desta dissolução. Tal fenômeno provoca "a coletivização do indivíduo, cujas características ímpares são dissolvidas por uma identificação com o novo ponto de vista"²⁸. Porém, a dissolução, em seu aspecto superior, seria a possibilidade da redução do ego como um prelúdio ao posterior surgimento de uma personalidade mais ampla, vinculada ao *self*.

Então, desde que os membros não se fixem nos aspectos regressivos do grupo, esta dissolução de aspectos egóicos não vinculados ao *self* seria uma das condições fundamentais para a ocorrência da individuação. Hobson¹⁰ e Boyd¹¹ ressaltam que esses aspectos regressivos do grupo são eventualmente necessários para a retomada de desenvolvimento da personalidade. Essa possibilidade de que episódios regressivos façam parte do desenvolvimento psicológico normal do indivíduo até é reconhecida no meio junguiano, ao mesmo tempo que a fixação nessa condição (fixação na mãe) seja altamente temida²⁹.

Jung coloca claramente que a regressão não se trata de uma degradação psicológica, e sim uma fase da evolução, e que só se poderia falar em involução caso houvesse uma estagnação em tal estado²⁷.

Os membros de um grupo terapêutico podem aprender a se proteger contra a possibilidade de terem suas individualidades dissolvidas pela identificação regressiva, pois no *setting* terapêutico cada participante tem a oportunidade de se afirmar e de ser confirmado pelos outros integrantes e, deste modo, o grupo favorece o desenvolvimento da alteridade protegendo seus membros da dissolução da consciência e criando uma imunidade ao contágio psíquico das massas^{3, 7}.

Pelos trabalhos que foram levantados, parece que a psicoterapia de grupo pode favorecer o processo de individuação de seus membros desde que não haja uma fixação em modos mais infantilizados ou regredidos de funcionamento. Mas, a regressão em si não pode ser considerada o problema, pois faz parte do desenvolvimento normal do indivíduo. Além disso, é um fenômeno que aparece também na psicoterapia individual. Veremos a seguir os métodos de análise de grupos propostos pelos artigos selecionados, que por seus pressupostos teóricos mais se aproximariam de uma análise junguiana de grupos.

Psicoterapia de grupos junguiana

A análise junguiana, seja no trabalho individual ou grupal, adota uma perspectiva simbólica e, segundo Samuels²⁴, a teoria do *self*, como continente e regulador de todas as partes distintas da personalidade, é aplicável também à psicologia dos grupos. Porém, há um consenso entre muitos autores dos artigos levantados sobre

a falta de um método sistematizado para uma psicoterapia de grupo junguiana^{10, 30}.

Os psicólogos da área tentam descrever as dinâmicas dos grupos terapêuticos em termos de modelos considerados arquetípicos e simbólicos³¹. Essa ideia de que imagens arquetípicas e símbolos tem emergido espontaneamente e sido observados em grupos é referenciada por diversos autores. Estes estudiosos afirmam que temas arquetípicos se manifestam através dos conteúdos produzidos pelos membros, assim como em seus padrões de relacionamento, e que o surgimento de imagens arquetípicas observáveis nos grupos fornece material para análise, assim como sinalizam as fases de transformação pelas quais tanto o grupo quanto seus membros passam, já que essas imagens arquetípicas ilustram também a relação entre consciente e inconsciente^{7, 10, 11, 20, 22, 23, 26, 32, 33, 34, 35}.

A autonomia e a manifestação das imagens arquetípicas nos grupos parece ser uma grande preocupação de Jung: “Quando se trata do movimento da massa e não mais do indivíduo, cessam os regulamentos humanos e os arquétipos passam a atuar”³⁶. A única saída para uma eventual catástrofe seria se “a maioria dos indivíduos conseguir amortecer os efeitos dos arquétipos”³⁶ através da consciência. Tal temor deve ser compreendido em relação a um grupo massificado. Ao mesmo tempo em que teme esse levante arquetípico Jung¹ reconhece o valor desses conteúdos, como uma promessa de renascimento. Whitmont⁷ mantém o mesmo entendimento e afirma que os conteúdos arquetípicos constelados no grupo poderiam certamente causar problemas quando desrespeitados, mas, como quaisquer outros arquétipos, poderiam ser construtivos quando confrontados adequadamente pelos membros desse grupo. Para o autor certas dimensões do arquétipo só poderiam ser experimentadas em grupo – e por isso certas religiões sugeririam práticas grupais.

Outro ponto que muitos autores concordam nos artigos levantados é que existem pelo menos três níveis principais ou sistemas interacionais envolvidos nos processos grupais. Cada sistema atua como um subsistema do outro, e o primeiro deles seria o intrapsíquico – ou individual. O segundo trata dos papéis e das interações entre seus membros, sendo interpessoal ou transacional. O terceiro deles seria o grupo como um todo, que compreende a ideia até mesmo de um *self* grupal. Byington³⁸ ampliou o conceito de *self* para abranger qualquer dimensão de totalidade além da personalidade individual. O *self* grupal seria um sistema que em função da representação e da interação psicodinâmica de seus componentes seria capaz de estruturar a identidade do ego e do outro, tanto na consciência quanto no inconsciente. Boyd¹¹, ao discorrer sobre a estrutura dos grupos, concorda que ela é composta por esses mesmos sistemas, e apesar de manter o sentido os nomeia de forma análoga: pessoal, social e cultural. Ele formula um método sistemático para a análise do desenvolvimento da consciência em pequenos grupos. Sua metodologia é focada no sistema cultural de pequenos grupos e a ênfase recai no desenvolvimento do grupo como um todo. Zinkin^{23, 25, 26, 39}, assim como Boyd¹¹, tende a enfatizar o grupo como um todo, ainda que reconheça que seja uma abstração controversa, e ressalta a importância da construção de um *setting* que favoreça a transformação do grupo, por um hábil condutor, para o bem do indivíduo. Hobson concebe e trabalha com o grupo tanto como unidade quanto como multiplicidade: “[...] um grupo pode ser descrito e compreendido de duas formas distintas, tanto em

termos de mecanismos psicológicos de cada um de seus membros quanto em termos de padrões dinâmicos observados no grupo como um todo”²².

Outra questão relevante que surge nos artigos é o papel do diálogo e das interações humanas no desenvolvimento da personalidade. Segundo Zinkin^{23,39} e Fiumara²⁰, o diálogo seria o elemento chave não só na análise grupal, como estaria no centro do crescimento humano desde a infância até a morte. O diálogo contribui no processo de individuação e atua como aquilo que separa (distingue) e como aquilo que reúne. A separação psíquica não se dá por isolamento social e sim pelo conhecimento do outro, e o diálogo com o mundo externo é tão importante para a individuação quanto o diálogo com o mundo interno. A base da análise de grupo é a comunicação livre entre os membros numa rede relacional que possibilite a contenção maternal pelo grupo para que as transformações possam ocorrer⁷. Para Hobson²², nos grupos psicoterapêuticos, o desenvolvimento ocorre pela modificação das atitudes conscientes através da assimilação dos elementos, até então inconscientes, alcançados pela experiência e pelo relacionamento com mais pessoas. Outra forma de trabalho psicoterapêutico grupal, numa perspectiva junguiana, que aparece na pesquisa são os grupos vivenciais. Freitas³ argumenta que eles favorecem a vivência dos conteúdos ao invés da análise dos mesmos, e trabalham também nos três sistemas supracitados.

Conclusão

O campo da psicologia analítica negligenciava o estudo da psicologia dos grupos e conseqüentemente sua aplicação através da psicoterapia grupal. Ela é reconhecida como um método dialético, entre terapeuta e paciente. Cronologicamente, nos escritos de Jung, percebemos a manutenção de seu posicionamento contrário as influências grupais até quase o fim de sua vida – 1955 – e uma visão consistente de que qualquer grupo de pessoas se configuraria como uma coletividade. Os grandes argumentos responsáveis por essa lacuna são o temor em relação aos aspectos regressivos grupais, com o rebaixamento da consciência e os perigos do aumento da sugestibilidade e da influência/possessão coletiva por complexos autônomos ou arquétipos. Além disso, na visão clássica, a participação em grupos parece ser vista como algo que caminhará na contramão do processo de individuação, pois pressupõe-se que o indivíduo priorizaria seguir as leis e as normas da coletividade e não as de si próprio. No entanto, alguns analistas perceberam a influência fundamental e positiva da sociedade no desenvolvimento psíquico humano e desenvolveram trabalhos com grupos terapêuticos, assentados no pressuposto de que a sociedade é a condição primária para o desenvolvimento do indivíduo²³. Essas pesquisas também relativizam o temor a respeito dos aspectos regressivos grupais, que, apesar de ocorrer em eventualmente nos grupos terapêuticos por conta de seu caráter materno, não necessariamente seriam algo que operaria contra o desenvolvimento psíquico, e sim a favor dele quando bem manejado, até porque seria uma das condições necessárias ao processo de individuação. A regressão só seria um problema caso houvesse uma fixação neste estágio de desenvolvimento (fixação na Grande Mãe). A contenção do indivíduo num grupo pode fornecer a matriz para a retomada do desenvolvimento da consciência e para a afirmação da individualidade através dos relacionamentos humanos. Cabem mais pesquisas sobre se o desenvolvimento

da consciência e o processo de individuação são possíveis em grupo, como isso se daria, assim como o papel da regressão nesses processos. Alguns autores têm trabalhado para esclarecer estas questões e diminuir a lacuna teórica sobre este tema na psicologia analítica e conseqüentemente ampliar os métodos e técnicas para a prática de uma psicoterapia de grupo junguiana.

Referências

1. Jung, CG. *Civilização em transição*. 2 ed. Petrópolis: Vozes; 2010.
2. Shamdasani, S. *Cult Fictions: C.G. Jung and the founding of analytical psychology*. East Sussex: Routledge; 1998.
3. Freitas LV. Grupos vivenciais sob uma perspectiva junguiana. *Psic USP*. 2005; 3: 45–69.
4. Illing HA. C. G. Jung on the present trends in group psychotherapy. *Hum Relat*. 1957; 10: 77–82.
5. Jung CG. *A vida simbólica*. 3 ed. Petrópolis: Vozes; 2011.
6. Jung CG. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 5 ed. Petrópolis: Vozes; 2007.
7. Whitmont EC. Group therapy and analytical psychology. *J Anal Psychol*. 1964;9(1):1-22.
8. Hall, JA. *A Experiência Junguiana: Análise e Individuação*. São Paulo: Cultrix; 1995.
9. Yalom ID, Leszcz M. *Psicoterapia de Grupo: teoria e prática*. Porto Alegre: Artmed; 2006.
10. Hobson RF. Group Dynamics and Analytical Psychology. *J Anal Psycho*. 1964; 9(1): 23-49.
11. Boyd RD. *Personal Transformations in Small Groups: A Jungian Perspective*. New York: Routledge; 1991.
12. Sullivan RR. *Towards depth visioning: a depth psychological investigation of group visioning methods [dissertação]*. Carpinteria, CA, USA: Pacifica Graduate Institute; 2014.
13. Shamdasani S. *Jung e a construção da psicologia moderna: o sonho de uma ciência*. São Paulo: Ideia & Letras; 2005.
14. Bechelli LPC, dos Santos MA. Psicoterapia de Grupo: Como surgiu e como evoluiu. *Rev Lat Enf*. 2004; 12(2):242-249.
15. Yalom ID, Vinogradov S. *Manual de Psicoterapia de Grupo*. Porto Alegre: Artmed; 1992.
16. Rasera EF, Rocha RMG. Sentidos sobre a prática grupal no contexto de saúde pública. *Psicol. estud*. 2010;15(1):35-44.
17. Rogers C. *Grupos de Encontro*. 9 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes; 2009.
18. Bastos ABBI. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. *Psic Inf*. 2010; 14(14):160-69.
19. Neumann E. *História da origem da consciência*. 5 ed. São Paulo: Cultrix; 2014.

20. Fiumara R. The psychology of the individuation process and group analysis: the role of 'Pronominalism'. *Group anal.* 1989; 22(2):177–87.
21. Jung CG. O desenvolvimento da personalidade. 10 ed. Petrópolis: Vozes; 2008.
22. Hobson RF. An approach to group analysis. *J. anal. psychol.* 1959; 4(2):139-151.
23. Zinkin H, Gordon R, Haynes J, editores. *Dialogue in the Analytic Setting: Selected Papers of Louis Zinkin on Jung and on Group Analysis.* London: Jessica Kingsley Publishers; 2017.
24. Samuels A. *Jung and the Post-Jungians.* London: Routledge; 1989.
25. Zinkin L. A gnostic view of the therapy group. *Group Analys.* 1989; 22: 201–217.
26. Zinkin L. The group as container and contained. *Group Analys.* 1989; 22: 227-234.
27. Jung CG. A energia psíquica. 10 ed. Petrópolis: Vozes; 2008.
28. Edinger E. *Anatomia da Psique.* 6 ed. São Paulo: Cultrix; 2010.
29. Culbert-Koehn J. Don't get stuck in the mother: regression in analysis. *J. anal. psychol.* 1997; 42: 99–104.
30. Zinkin L. Malignant Mirroring. *Group Analys.* 1983; 16: 113-126.
31. Willeford W. Group Psychotherapy and Symbol Formation. *J. anal. psychol.* 1967; 12: 137-160.
32. Landers JJ, Macphail DS, Simpson RC. Group therapy in H.M. Prison, Wormwood Scrubs; the application of analytical psychology. *The J of Ment Sci.* 1954; 100: 953-960.
33. Champernowne HI, Lewis E. Psychodynamics of therapy in a residential group. *J. anal. psychol.* 1966; 11: 163–180.
34. Boyd RD. The Developmental Stages of the Anima and Animus in Small Groups I. *Group Analys.* 1989; 22: 135-147.
35. Fiumara R. Therapeutic Group Analysis and Analytical Psychology. *J. anal. psychol.* 1976; 21: 1-24.
36. Jung CG. Aspectos do drama contemporâneo. 5 ed. Petrópolis: Vozes; 2012.
37. Zinkin L. The group's search for wholeness: a Jungian perspective. *Group.* 1989; 3 & 4: 252–264.
38. Byington CA. Adolescência e interação do self individual, familiar, cultural e cósmico: introdução à psicologia simbólica da dinâmica familiar. *Junguiana.* 1989; 6: 47-118.
39. Zinkin L, Zinkin H. A dialogical model for group analysis: Jung and Bakhtin. *Group Analysis.* 1996; 29: 343–354.

Contribuições: Ana Luisa Testa – Análise estatística, Coleta de Dados, Investigação, Metodologia, Redação – Preparação do original, Redação – Revisão e Edição;
Carlos Augusto Serbena – Supervisão.

Correspondência*Ana Luisa Testa*

e-mail: analisatesta@gmail.com / e-mail alternativo: contato@terapiaemdia.com.br

Carlos Augusto Serbena

e-mail: caserbena@gmail.com

Submetido em: 17/10/2018

Aceito em: 11/03/2019

ANEXO

A tabela abaixo apresenta os resultados relevantes, por ordem de ano de publicação:

<i>Autor(es)</i>	<i>Título</i>	<i>Ano</i>	<i>Publicação</i>
<i>J.J. Landers., D.S. MacPhall, & R.C. Simpson</i>	Group therapy in H.M. Prison, Wormwood Scrubs; the application of analytical psychology	1954	The Journal of Mental Science
<i>Hans Illing</i>	C. G. Jung on the present trends in group psychotherapy	1957	Human Relations
	A theory of the group according to C. G. Jung	1958	Psychotherapy and Psychosomatics
<i>Robert Hobson</i>	A approach to group analysis	1959	Journal of Analytical Psychology
<i>Edward Whitmont</i>	Group Therapy and Analytical Psychology	1964	Journal of Analytical Psychology
<i>Robert Hobson</i>	Group dynamics and Analytical Psychology	1964	Journal of Analytical Psychology
<i>M. Jackson</i>	The importance of depression emerging in a therapeutic group	1964	Journal of Analytical Psychology
<i>Eve Lewis</i>	Psychodynamics of therapy in a residential group	1966	Journal of Analytical Psychology
<i>William Willeford</i>	Group Psychotherapy and Symbol Formation	1967	Journal of Analytical Psychology
<i>Romano Fiumara</i>	Therapeutic Group Analysis and Analytical Psychology	1976	Journal of Analytical Psychology
<i>James S. Witzig</i>	Jung's Typology and Classification of the Psychotherapies	1978	The Journal for Specialists in Group Work
<i>Louis Zinkin</i>	Malignant Mirroring	1983	Group Analysis
	Three models are better than one	1984	Group Analysis

<i>Autor(es)</i>	<i>Título</i>	<i>Ano</i>	<i>Publicação</i>
<i>Gary Gemmill</i>	The Dynamic of the Group Shadow in Intergroup Relations	1986	Small Group Research
<i>Robert D. Boyd</i>	The Developmental Stages of the Anima and Animus in Small Groups I	1989	Group Analysis
	Facilitating Personal Transformations in Small Groups. Part I	1989	Small Group Behavior
<i>Boyd, R.D., Kondrat, M.E., Rannels, J.S.</i>	The Developmental Stages of the Anima and Animus in Small Groups II	1989	Group Analysis
<i>Romano Fiumara</i>	The Psychology of the Individuation Process and Group Analysis: The Rôle of 'Pronominalism'	1989	Group Analysis
<i>Louis Zinkin</i>	The group's search for wholeness	1989	Group
	The Grail and the Group	1989	Journal of Analytical Psychology
	A gnostic view of the therapy group	1989	Group Analysis
	The group as container and contained	1989	Group Analysis
<i>Robert Boyd</i>	An Approach to Facilitating Personal Transformations in Small Groups	1990	Small Group Research
<i>Gary Gemmill & , Lynn ZochSchaible</i>	The Psychodynamics of Female/Male Role Differentiation within Small Groups	1991	Small Group Behavior
<i>Louis Zinkin</i>	Borderline Distortions of Mirroring in the group	1992	Group Analysis
<i>Bryon Day & William Matthes</i>	A comparison of jungian, person-centered, and gestalt approaches to personal growth groups	1992	Journal for Specialists in Group Work
<i>Jaak Le Roy</i>	Transitional Space and Individuation Processes: Two Intercultural Group-analytic Workshops	1995	Group Analysis
<i>Mark F. Ettin</i>	The spirit of Jungian Psychotherapy: From taboo to totem	1995	International Journal of Group Psychotherapy
<i>Ann B. Shuttleworth-Jordan</i>	A process research approach to the development of method in group dream work	1995	Group
<i>Bryon Day & William Matthes</i>	A Jungian stage theory of individual development in personal growth groups	1995	Journal for Specialists in Group Work
<i>Louis Zinkin&HiddleZinkin</i>	A dialogical model for group analysis: Jung and Bakhtin	1996	Group Analysis
<i>Mary Addenbrooke</i>	The creative potential of play and regression in analytical training: a personal reflection	1997	Journal of Analytical Psychology
<i>Laura Villares de Freitas</i>	Grupos vivenciais sob uma perspectiva junguiana	2005	Psicologia USP
<i>Dale Mathers, Fiona Palmer Barnes & Amélie Noack</i>	'Held in mind' or 'Hell in mind': group therapy in Poland	2006	Journal of Analytical Psychology

<i>Autor(es)</i>	<i>Título</i>	<i>Ano</i>	<i>Publicação</i>
<i>Jean Kirsch & Suzy Spradlin</i>	Group process in Jungian analytic training and institute life	2006	Journal of Analytical Psychology
<i>Andrew Hede</i>	The shadow group: Towards an explanation of interpersonal conflict in work groups	2007	Journal of Managerial Psychology
<i>Roger Brooke</i>	Ubuntu and the Individuation Process: Toward a Multicultural Analytical Psychology	2008	Psychological Perspectives
<i>Sharon Heath</i>	A Jungian Alice in Social Media Land: Some Reflections on Solastalgia, Kinship Libido, and Tribes Formed on Facebook	2012	Jung Journal
<i>Thom F. Cavalli</i>	The Lost Cause: A Jungian Critique of The Master	2013	Jung Journal
<i>Christian Maier</i>	Bion and C.G. Jung. How did the container-contained model find its thinker? The fate of a cryptomnesia	2016	Journal of Analytical Psychology
<i>Alexandra L. Fidyk</i>	Unconscious ties that bind – attending to complexes in the classroom: part 1	2016	International Journal of Jungian Studies
	Unconscious ties that bind – attending to complexes in the classroom: part 2	2016	International Journal of Jungian Studies

A tabela abaixo apresenta capítulos sobre o tema encontrados na literatura, excluindo-se artigos já citados na tabela anterior:

<i>Autor(es)</i>	<i>Capítulos</i>	<i>Ano</i>
<i>Robert D. Boyd & John M. Dirkx</i>	Methodology for the study of the development of consciousness in the small group	1991
<i>John M. Dirkx</i>	Understanding group transformation through the focal person concept	1991
<i>Robert D. Boyd and J. Gordon Myers</i>	Grief work: a social dynamic in group transitions	1991
<i>Jean R. Saul</i>	A conceptualization of individuation in learning situations	1991
<i>Robert Boyd & Mary Ellen Kondrat</i>	The anima and animus in the transactions of small groups	1991
<i>Robert D. Boyd</i>	Mary: a case study of personal transformation in a small group	1991
	Facilitating personal transformations in small groups	1991
<i>Louis Zinkin</i>	Is Jungian group analysis possible?	1998
	The dialogical principle: Jung, Foulkes and Bakhtin	1998